

PENELA

Um percurso pelo tempo

Margarida Sobral Neto
(Coord.)



Penela

Um percurso pelo tempo

COORDENAÇÃO

Margarida Sobral Neto

TEXTOS

Ana Isabel Ribeiro, Cristóvão Mata, Guilhermina Mota,
Jorge de Alarcão, Leontina Ventura,
Maria Helena da Cruz Coelho, Raquel Vilaça

COMISSÃO CIENTÍFICA
EDITORIAL BOARD

Márcia Motta

Univ. Federal Fluminense, Brasil

Paola Nestola

Universitá del Salento, Itália

Pegerto Saavedra

Univ. de Santiago de Compostela, Espanha

João Gouveia Monteiro

Universidade de Coimbra, Portugal

João Marinho dos Santos

Universidade de Coimbra, Portugal

Pedro Carvalho

Universidade de Coimbra, Portugal

Título: Penela – Um percurso pelo tempo

Coordenação: Margarida Sobral Neto

Textos: Ana Isabel Ribeiro, Cristóvão Mata, Guilhermina Mota, Jorge de Alarcão,
Leontina Ventura, Maria Helena da Cruz Coelho, Raquel Vilaça

Capa: Paula Leal s/ fotografias do acervo da Câmara Municipal de Penela

© 2015 Câmara Municipal de Penela

Direitos reservados por Terra Ocre, Lda.

Edição: Palimage

Apartado 10032

3031-601 Coimbra

palimage@palimage.pt

www.palimage.pt

Data de edição: dezembro de 2015

ISBN: 978-989-703-142-7

Depósito Legal n.º 403080/15

Impressão: Artipol – Artes Tipográficas, Lda.



PALIMAGE É UMA MARCA EDITORIAL DA TERRA OCRE EDIÇÕES

DADOS E REFLEXÕES SOBRE A ARQUEOLOGIA PRÉ-ROMANA DA REGIÃO DE PENELA

Data and Considerations on Pre-Roman Archaeology of Penela Region

RAQUEL VILAÇA

Universidade de Coimbra. Instituto de Arqueologia
Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património
rvilaca@fl.uc.pt

Resumo: Tomando como referência espacial o concelho de Penela, a autora recolhe, numa perspectiva crítica, a informação disponível relativa aos testemunhos arqueológicos pré e proto-históricos conhecidos nesse território. É diversa essa informação e resulta, maioritariamente, mas não só, de achados antigos ou obtidos de forma casuística, desconhecendo-se com rigor os respectivos contextos. Ainda assim, é possível valorizar alguns desses dados, articulando-os entre si em termos espaciais e simbólicos, sejam lugares de habitação, de sepultura ou de deposição ritual de artefactos, concretamente metálicos (bronze e ouro). Os montes, as grutas, as águas e os caminhos são igualmente elementos inerentes a essa teia antiga do povoamento pré-romano. Uma desejável abordagem holística ancorada num maior número de registos com controlo científico exigirá, todavia, um necessário e adequado projecto de investigação.

Palavras chave: arqueologia de Penela; I milénio a. C.; pontas de lança; ourivesaria arcaica.

Abstract: Taking as a spatial reference the municipality of Penela, the author collects, with a critical perspective, the information available about the pre and proto-historic archaeological evidences that are known in the area. The acquired information was diverse, and results, mostly, yet not exclusively, from older finds or ones obtained casuistically, being yet unknown with detail the respective contexts. Still, it is possible to value some of this data, through its correlation in spatial and symbolical terms, be it places of habitation, of burial, or of ritual deposition of artifacts, more precisely metallic ones (bronze and gold). The hills, the caves, the streams and the paths are equally inherent elements of the ancient network of pre-roman settlements. A desirable holistic approach anchored on a large number of records with scientific control will require, nevertheless, a necessary and adequate project of investigation.

Keywords: Penela archaeology; 1st millenium BC; spearheads; archaic gold artefacts.

1. Introdução

Conforme sublinha Laurent Olivier (2008: 41, 56), ao contrário da História, que nos diz o que se passou, a Arqueologia mostra do que é feito o passado, pois trata da memória registada na matéria, não dos acontecimentos. Ora, é com base na materialidade desses testemunhos que poderemos aceder a um “passado” que, e ainda recorrendo a Olivier “*n’est pas derrière nous, comme en état ancien des choses, il est devant nous, avec nous*” (OLIVIER, 2008: 30). Nesta perspectiva, a Arqueologia é ciência do presente, com objectos, sítios e paisagens transmutados pela acumulação de memórias no devir do tempo e que representamos com as narrativas que vamos construindo.

Não é fácil discorrer sobre o que designamos de arqueologia pré-romana da região de Penela, ainda que, expressando desta forma o nosso objectivo, seja mais simples transmitir aquilo a que nos propomos: centrar-nos-emos nos vestígios chegados até nós e por nós conhecidos cuja cronologia de ocupação, construção, fabrico, uso ou deposição remete para o período anterior à presença romana na região, que terá ocorrido pela primeira vez por volta de 138 a.C., aquando da passagem das tropas de Décimo Júnio Bruto para norte (ALARCÃO, 1999: 17).

E não é fácil também porque os dados não abundam e não são bem conhecidos. Alguns perderam-se e outros ainda não se encontraram. Não existe, nem nunca existiu, projecto de investigação centrado nessa temática. Mas há pistas sugestivas que mereciam ser exploradas e, antes disso, preservadas. É sobre algumas delas, entre informações resgatadas do passado e achados dos últimos anos, que trata este texto, entendido por nós mais como desafio do que como resultado de qualquer investigação desenvolvida e aprofundada, mormente no terreno, que não fizemos mas que gostaríamos de realizar um dia¹.

Com este texto sistematizam-se ainda dados que se encontravam dispersos e, por isso, cremos igualmente da sua oportunidade num momento em que

¹ Recuperam-se agora alguns dos tópicos que apresentámos a 25 de Maio de 2013 no Centro de Estudos de História Local e Regional Salvador Dias Arnaut em palestra mais abrangente intitulada “Pré-história da região de Penela. De D. Fernando ao Portal do Arqueólogo”. Renovamos aqui os agradecimentos à nossa colega Doutora Margarida Sobral Neto pelo convite de então e pela possibilidade de colaborarmos agora nesta obra.

está em curso a preparação da “Carta Arqueológica” do concelho de Penela, da responsabilidade do Município. Para além do inequívoco papel que um instrumento desse tipo desempenha numa gestão estratégica e planeada do território, a Arqueologia enquanto área científica sempre suscitou interesse, e até mesmo fascínio, fora do seu campo específico. Nada mais natural, assim, que também ela tenha tocado o espírito do investigador cujo centenário do nascimento este livro comemora.

2. Salvador Dias Arnaut e a Arqueologia

É certo que a Arqueologia da região de Penela e o nome de Salvador Dias Arnaut não terão muito em comum mas não são, ou não foram, propriamente estranhos. Não por acaso, por exemplo, o seu nome consta entre os membros da Associação dos Arqueólogos Portugueses. Nos seus escritos históricos a Arqueologia não é totalmente ignorada, como veremos, e eminentes obreiros da Arqueologia, como Leite de Vasconcelos, interessaram-se pela investigação do Professor da Universidade de Coimbra.

Aliás, um curto texto publicado logo em 1934, na *Gazeta de Coimbra*, foi mesmo intitulado “Arqueologia: pedras velhas”, onde o autor exprime a sua opinião, em apoio da tese de António de Vasconcelos (contra Vergílio Correia), a propósito do problema de acesso à Sé Velha pela porta ocidental², rematando do seguinte modo: “Que me perdoem meter o bedelho... mas para este assunto nem é preciso ser arqueólogo: basta ter olhos e ver” (ARNAUT, 1934: 5).

Ainda estudante de Medicina – estamos agora em 1938 – e portanto também antes da sua licenciatura em Ciências Históricas e Filosóficas, Salvador Dias Arnaut escrevia a Leite de Vasconcelos (Anexos, documento 1)³, que se mostrara interessado na obra *Ladeia e Ladera*⁴, comprometendo-se o homenageado neste livro a enviá-la logo que tirasse uma separata.

² Sobre esta problemática, veja-se Alarcão, 2008: 120 e segs.

³ Agradecemos ao Dr. António Carvalho, Director do Museu Nacional de Arqueologia, a autorização que nos permite inserir neste trabalho as duas cartas enviadas por Salvador Dias Arnaut a Leite de Vasconcelos. Agradecemos também à Dr.^a Ana Melo, responsável pelo Arquivo Histórico do MNA, todo o auxílio prestado na identificação e acesso às mesmas. É também possível que possa existir no acervo documental de Salvador Dias Arnaut missivas de Leite de Vasconcelos mas a parte epistolar deste arquivo ainda não se encontra tratada.

⁴ *Ladeia e Ladera. Subsídios para o estudo do feito de Ourique*, 1939, Tip. Gráfica de Coimbra.

Ela seguiu, com outra missiva, no ano seguinte (Anexos, documento 2), que terminava da seguinte forma: “*Quanto nela não há que pode prender um etnólogo, um arqueólogo! Sentir-me-ia feliz se fosse o guia de V. Ex.^a por tais paragens – e felizes se sentiriam todos os habitantes da região que a veriam estudada por uma das mais gloriosas figuras portuguesas*”. E, numa outra passagem ainda, refere mesmo como se sentisse “*um aspirante a arqueólogo e a médico [que] entrega um trabalho de arqueologia a um médico mestre de Arqueologia*”.

Não se terá proporcionado qualquer encontro entre ambos, mas a região e a sua arqueologia não deixariam de vir a revelar, como já antes sucedera, interessantes testemunhos, alguns dos quais ocuparão agora a nossa atenção.

3. De D. Fernando ao “Portal do Arqueólogo”

Ao longo dos últimos 130 anos foram-se somando, de forma intermitente e casuística, diversas informações sobre a arqueologia da região de Penela.

Um dos primeiros achados conduz-nos a D. Fernando II, o “Rei Artista”, conforme o conhecido cognome que lhe foi atribuído, logo em 1841, por António Feliciano de Castilho (LOPES, 2013: 186). É certo que o Rei nunca se interessou pela arqueologia de Penela mas é sabido que o seu gosto por obras de arte e antiguidades levou-o a colecionar importantes peças, o que permitiu a salvaguarda (temporária) de um dos mais significativos testemunhos arqueológicos desta região, recorrentemente referido como “argola de Penela”, que comentaremos adiante.

Hoje, é no “Portal do Arqueólogo”, na sua base de dados *Endovélico*, plataforma da Direção-Geral do Património Cultural, organismo que superentende a Arqueologia, que poderemos encontrar registo a achados arqueológicos no concelho, carecendo, todavia, esta fonte informativa de coordenação científica plenamente eficaz na gestão dos dados.

Ambos, o Rei e o “Portal” são aqui entendidos, pois, como meros referenciais que, de alguma forma, balizam os primórdios e a mais recente compilação *on-line*⁵ das informações sobre a arqueologia da região.

⁵ Base de dados *Endovélico* (<http://arqueologia.patrimoniocultural.pt>, consulta efectuada em Abril de 2013).

Esta última fonte dá-nos conta de trinta e quatro entradas relativas a achados arqueológicos no concelho, número cujo significado é difícil de avaliar tendo em conta que a “Carta Arqueológica” em curso, atrás mencionada, já ultrapassou a centena de registos⁶.

Aquela plataforma fornece diversas informações, como a cronologia, o tipo de sítios e o que se encontrou. Pesquisando a cronologia dos trinta e quatro registos (Fig. 1), verifica-se que apenas nove remetem para um período anterior aos Romanos, dominando de forma esmagadora os relativos à presença destes. Temos Barbealho 2 (Rabaçal), aliás também com vestígios romanos; Outeiro da Gorunha (São Miguel); Castelo do Sobral (São Miguel); Ribeiras de Arades (Podentes); Venda dos Moinhos (Cumeeira). Todos eles

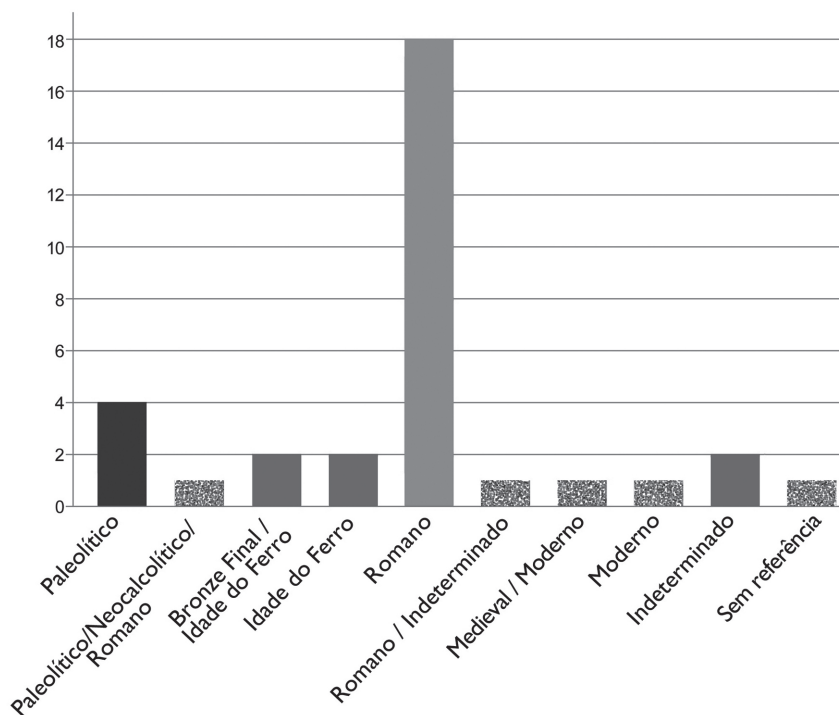


Fig. 1 – Distribuição dos registos arqueológicos do concelho de Penela de acordo com a cronologia proposta na base de dados *Endovélico*.

⁶ Agradecemos à Dr.^a Sónia Vicente, arqueóloga da Câmara Municipal de Penela, esta informação.

estão atribuídos ao Paleolítico, portanto, presumivelmente com mais de 12. 000 anos. Mas se cruzarmos a informação cronológica com a indicação dos achados, o número de sítios atribuídos a essa época carece de óbvia revisão.

A cronologia proposta para o Outeiro da Gorunha baseou-se no achado isolado de uma ponta de seta, o que remeteria, por ventura, para uma fase muito final do Paleolítico, pois até então não havia setas porque o arco ainda não tinha sido inventado. Mas é bem possível que o achado, tratando-se de uma verdadeira ponta de seta, tenha cronologia mais tardia, do IV ou III milénios a.C.

Também o caso do sítio designado Castelo do Sobral é atribuído ao Paleolítico com base no achado de quatro artefactos líticos pré-históricos. Admitindo que a tipologia dessas peças é mesmo paleolítica, a questão coloca-se agora se articularmos esta informação com a que respeita o tipo de sítios. É que o Castelo do Sobral surge identificado como monumento megalítico! Ora, os monumentos megalíticos, como antas ou dólmenes, são do Neolítico, do V e IV milénios a.C., pelo que alguma coisa não bate certo.

Vejam agora os quatro sítios que faltam para totalizar aqueles nove: dois são atribuídos ao Bronze Final/Idade do Ferro e outros dois à Idade do Ferro. Aqueles são o Castelo da Cabeça Redonda (Cumeeira) e Moinho do Furadouro (Santa Eufémia); os outros são o Castro do Castelo do Sobral e a Cova dos Mouros, ambos da freguesia de São Miguel. É de muita prudência a dupla atribuição dos primeiros ao Bronze Final e/ou à Idade do Ferro, pois os dados limitam-se a achados cerâmicos de superfície ou à presença de muralhas, não sendo simples nem seguro, sem recorrer a escavações, determinar com maior rigor a cronologia de cada um dos casos. Quanto aos segundos, e por estes motivos, não é impossível que o Castro do Castelo do Sobral possa também recuar à Idade do Bronze. O que já não é aceitável é remeter a Cova dos Mouros para a Idade do Ferro, visto que a peça aí encontrada, a tal que suscitou interesse a D. Fernando, tem cronologia perfeitamente definida do Bronze Final.

Se pesquisarmos no “Portal” os registos em função do tipo de sítios, encontramos dezasseis variantes (Fig. 2), o que parece ser muito para um universo de trinta e quatro entradas. Nem sempre é fácil entender o que

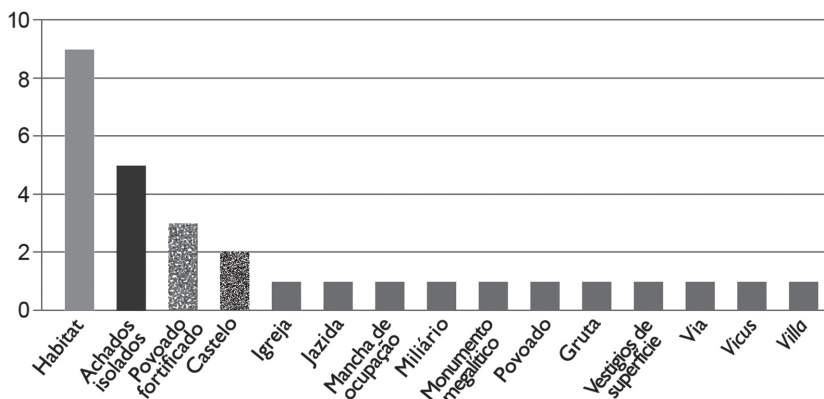


Fig. 2 – Distribuição dos registos arqueológicos do concelho de Penela de acordo com o tipo de sítios da base de dados *Endovélico*.

distingue algumas delas; por exemplo, em que difere um povoado de um habitat, ou uma jazida de algumas das outras categorias?

Mas vejamos dois casos concretos. Um dos sítios arqueológicos mais importante corresponde à Nascente do Algarinho (Santa Eufémia), correctamente classificado como gruta, embora não se perceba o motivo pelo qual lhe está atribuída cronologia indeterminada. A ponta de lança em bronze aí recolhida e que justificou a criação desta entrada, a que também voltaremos, não deixa margem para dúvidas quanto aos cerca de 3000 anos que conta. Um mesmo critério classificativo deveria ter incluído também na categoria de gruta (ou abrigo) a Cova dos Mouros, um outro sítio de importância maior, de onde provem a já mencionada “argola de Penela”. Porém, aqui a opção do responsável pela inserção de dados no “Portal” levou-o a classificá-la como achado isolado.

Na verdade, os dois, argola e ponta de lança, apareceram isolados, sendo os sítios de achado de ambos de idêntica categoria, uma gruta extensa, no primeiro caso, e uma pequena gruta, ou abrigo, ou lapa, no segundo. Nestes dois casos, cremos que a discrepância deve ser lida em termos historiográficos, quer dizer no modo como as diversas informações foram divulgadas a seu tempo. Sempre se falou muito no colar ou argola e quase nada do contexto de achado, a pequena gruta. Foi o objecto e não o sítio, que conferiu notoriedade. Pelo contrário, a Gruta da Nascente do Algarinho,

explorada por interesse espeleológico, era já bem conhecida neste meio no dia em que, acidentalmente, apareceu a ponta de lança.

Este pequeno exercício analítico e apenas exemplificativo sobre as informações prestadas pelo “Portal do Arqueólogo”, evidentemente crítico, é todavia feito com espírito construtivo até por ser fácil a correcção de algumas incongruências detectadas.

4. Para além do “Portal do Arqueólogo”

O que se sabe, e está disponibilizado, para além das informações constantes na base de dados do “Portal”? Não se tem aqui a presunção de completar seja o que for, pois começámos por declarar não ter sido desenvolvida qualquer investigação aprofundada e sistemática sobre a arqueologia pré-romana de Penela. Mas há omissões que é necessário referir, e, sobretudo, importa caracterizar os testemunhos mais seguros, que aquele nem sempre contempla, de modo a articulá-los entre si.

4.1. A ponta de lança de Vendas das Figueiras

Uma das lacunas diz respeito à ponta de lança das Vendas das Figueiras (Cumieira), encontrada em 1904, tendo depois dado entrada, em 1910, no hoje designado Museu Nacional de Arqueologia (n.º inv. 10.101, E-3072), conforme o livro de registos do Museu.

Não estando inédita (RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, 1984: 168; COFFYN, 1985: 30, FIG. 7; VILAÇA, 2008: 81, FIG. 5-2), está na realidade por estudar em pormenor e nas suas múltiplas facetas. Trata-se de uma peça em bronze em bom estado, tubular, com dois orifícios para rebites e nervura central, sendo a lâmina em forma de trevo pela existência de aletas muito inflectidas (Fig. 3-1). É datável do Bronze Final, possivelmente ainda de finais do II milénio a.C.

A bibliografia científica refere-a como um achado isolado (Coffyn 1985: 34), que não seria descabido, porém, classificar como depósito singular, pois nesta altura as populações depositavam, ocultando, certos artefactos metálicos, em número muito variável, por razões económicas ou rituais. Todavia, há outras possibilidades quanto ao seu contexto.

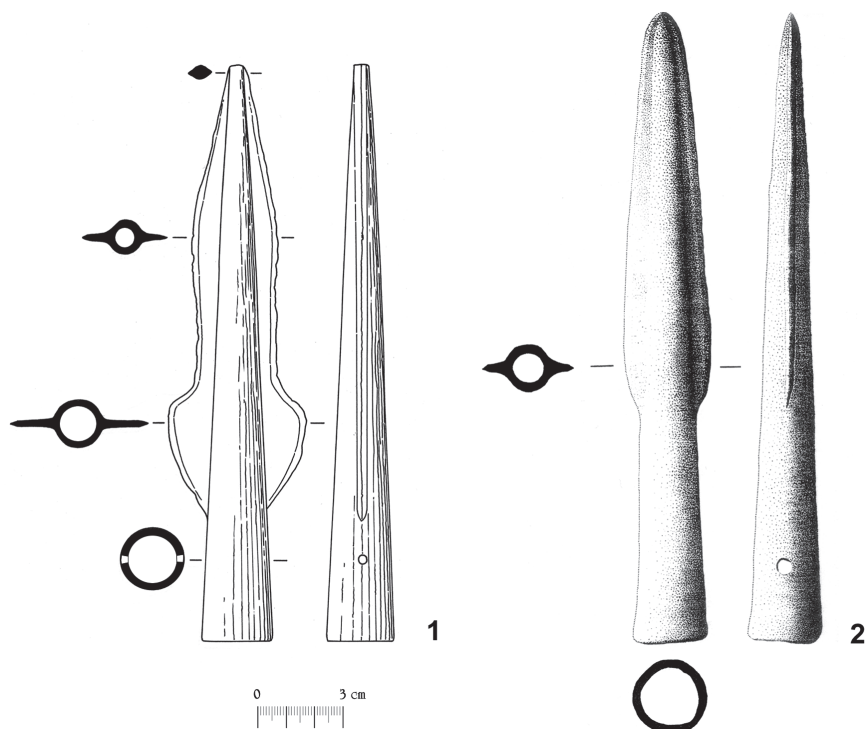


Fig. 3 – Pontas de lança do Bronze Final. 1 – Vendas das Figueiras (seg. Helena Figueiredo, MNA); 2 – Gruta da Nascente do Algarinho (seg. Pessoa, 2003).

Resgatando algumas informações da imprensa da época, é muito provável que, em vez de achado isolado, seja artefacto relacionável com contexto funerário, o que, se se confirmasse, valorizaria muito o seu interesse científico. É que, no Bronze Final, os materiais metálicos em sepulturas são pouco frequentes e essa raridade é ainda maior quando se trata de armas, como é o caso.

O jornal *O Século* de 1 de Março de 1906 e o *Diário de Notícias* de 8 do mesmo mês e ano noticiam escavações realizadas na proximidade das “Vendas dos Figueiras”, limite da vizinha freguesia da Cumieira, onde se encontraram “*umas ossadas debaixo d’umas lages de cantaria*” [...]; “*algumas têm forma rectangular, medindo 1,50 x 0,80 m e outras vêem-se quase todas enterradas*”, encontrando-se ali “*pequenos utensílios tais como*

pontas de lança”. As notícias referem também que “*uma romaria de povo das vizinhanças tem ido ver as escavações feitas, que foram interrompidas por impedimento do dono da propriedade*”. Informa-se ainda que “*o achado foi feito por se andar ali a proceder a escavações por uma mulher daqueles sítios ter sonhado haver ali dinheiro escondido*”. Em complemento, Leite de Vasconcelos (1913: 139) ao referir-se à oferta da lança pelo Sr. Manuel Fernandes Júnior, do Avelar, afirma que teria sido achada “*junto de umas lages por cima das que constituíram a sepultura a que se refere O Século...*”.

Por outro lado, diz-nos Jarnaut na sua *Monografia do Município Penelense* que a norte das Vendas das Figueiras existiu o dólmen do Laço (entre S. Paulo e Câneve), onde se encontrou uma lança de cobre e um alfinete do mesmo metal (JARNAUT, 1915: 81-82). Embora não nos tenha sido ainda possível esclarecer cabalmente o assunto, este alfinete poderá corresponder à peça do Museu Nacional de Arqueologia identificada como “punhal de lingueta” (n.º inv. 11003)⁷ ou “*Griffzungendolch*” conforme se refere nos resultados da análise que revelou ser de cobre arsenical (BITTEL *et al.*, 1968: 26-27). Jarnaut acrescenta ainda que outros objectos grosseiros de barro foram achados nas sepulturas próximas do monte do Sobral, onde os Romanos construíram um castro (corresponderá decerto ao Castelo do Sobral) e em cuja encosta sueste localiza o outeiro do Laço, um sítio com cabanas (JARNAUT, 1915: 81-82).

Como é óbvio, todas estas informações, que espelham realidades distintas, nomeadamente em termos cronológicos – o punhal e a lança poderão ter mais de mil anos de diferença entre si – exigem particular atenção (é zona sensível com exploração de pedra) mas igualmente necessária precaução. Sendo dissonantes, o que também não será de admirar tendo em conta que são notícias antigas relativas a acontecimentos que nem sempre foram testemunhados por quem os relata, parecem remeter para a existência de um contexto funerário tendo em conta a presença de ossadas. Mais dúbio são os tipos de sepulturas associados à lança (e ao presumível punhal?) e a outros materiais, e a própria existência de um dólmen no Laço, que Salvador Dias Arnaut diz ter sido “*incientificamente explorado*” (ARNAUT e DIAS, 1983: 32).

Segura parece ser a existência de um povoado muralhado no Castelo do Sobral, sobranceiro ao Dueça e situado um pouco a norte de Vendas das

⁷ Agradecemos à Dr.ª Ana Melo a ajuda nesta pesquisa.

Figueiras, onde, em inícios dos anos noventa do século passado, também se recolheram fragmentos cerâmicos de fabrico manual (SILVA E SALGUEIRO, 1991: 121-129) não descondizentes com a cronologia da ponta de lança. A zona merece atenção e investigação de campo, atendendo até, e ainda, à notícia de *O Século* (cf. supra) de que os trabalhos na zona foram interrompidos.

4.2. A ponta de lança da Gruta da Nascente do Algarinho

Relativamente próximo das Vendas das Figueiras, e conforme já referimos, foi encontrada uma outra ponta de lança da mesma época na Gruta da Nascente do Algarinho. Casualmente recolhida em 2001 pelo colectivo de grupos de espeleologia CIES-GPS-NEC-SAGA, a cerca de 50 m da entrada, numa canaleta lateral existente ligeiramente acima do leito da cavidade, presumindo-se que terá vindo à superfície por arrastamento provocado pelo aumento dos caudais registados naquele ano, conforme relata Miguel Pessoa (2003).

Conservando-se completa, também possui alvado mas a lâmina é estreita com nervura longitudinal (Fig. 3-2). Estudo recente arqueométrico, recorrendo a análise não invasiva por Espectrometria de Fluorescência de Raios X, Micro-Fluorescência de Raios X e Microscopia Óptica, confirmou tratar-se de um bronze binário de elevada qualidade submetido a tratamentos mecânicos após vazamento em molde (FIGUEIREDO *et al.*, 2011).

Se a ponta de lança de Vendas das Figueiras poderá corresponder, ainda que remotamente, a contexto funerário, a da Gruta da Nascente do Algarinho, como que aparecida do nada, afigura-se de leitura menos imediata.

Sem dúvida que é indispensável a valorização da natureza do contexto de achado – uma gruta – admitindo-se que a presença da ponta de lança (ou da própria lança, i.e., com haste de madeira e, eventualmente com conto também) possa ter correspondido a uma sacralização desse espaço ctónico mediante deposição de carácter votivo ou ritual (VILAÇA, 2007: 46). Também não deverá ser afastada a hipótese da escolha de uma arma para protagonizar tal acção, pois poderia estar relacionada simbólica e metafóricamente com a morte, evocando-a, sobretudo, na ausência de efetivos restos humanos que nem sempre seriam sepultados à época.

Com efeito, algumas sociedades etnográficas acreditam que certos objectos, pelo seu valor simbólico, personificam aqueles a quem pertenceram após a sua morte, expressando um processo de identificação entre pessoas e artefactos, que se tornam um só. Digamos que a morte é “objectificada”, diluindo-se qualquer dicotomia entre pessoas e objectos (SOFAER, 2006: 85), tal como não teria de haver rigorosa fronteira entre pessoas e animais, seres míticos, humanos e natureza. Sociedades arcaicas e sem escrita como as que estão subjacentes às materialidades tratadas neste texto poderiam inscrever a sua forma de estar e de pensar o mundo com valores similares.

Nesta linha de raciocínio, seria possível conferir à lança não só esse carácter votivo, como até mesmo funerário, reforçado pelo contexto, em gruta, um lugar natural, por excelência propício a encenações culturais e de comunicação entre mundos opostos, de vida e de morte, neste caso duplamente reforçado pela presença também da água.

Mas não é mesmo de afastar em absoluto a eventual possibilidade de a gruta não só ter sido cenário de celebração da morte, como espaço efetivamente protector da morte. É que, já depois do achado da lança, foram recolhidos no seu interior três crânios humanos (um adulto masculino e dois femininos) e um fémur, colocados numa das cavidades da gruta, e exibindo um deles possível marca de trepanação (CUNHA, 2008)⁸. Claro que a hipótese de articular cronologicamente os restos antropológicos com a ponta de lança carece de confirmação. Se a cronologia desta está bem definida, a daqueles exigiria, sendo possível, determinação em laboratório recorrendo ao método do Carbono 14. A hipótese de a gruta ter tido utilização na longa diacronia não é de descartar⁹.

Próximo desta gruta, a c. de 1100 m a norte, situa-se o Castro do Tombadouro que não vem registado no “Portal”, mas está lá sob outra designação, a de Moinho do Furadouro, também conhecido como Moinho dos Fernandes. A duplicação ou triplicação de nomes distintos para a mesma realidade é

⁸ Agradecemos à Prof.^a Eugénia Cunha a cedência do relatório sobre o estudo antropológico que coordenou.

⁹ Intervenção pontual que efectuámos na gruta em 1999, permitiu a recolha à superfície de lamela em sílex que, todavia, poderá ter resultado de infiltração desde o exterior da gruta (Vilaça e Carvalho, 2000).

um problema que causa muito “ruído de fundo” em Arqueologia e que o “Portal” deveria ter o cuidado de “limpar” e não de alimentar.

Alguns materiais cerâmicos (Fig. 4)¹⁰ recolhidos em prospecções deverão ter sido modelados pelas mesmas comunidades que conceberam a ponta de lança, pelo que a utilização da gruta no Bronze Final deve ser ainda valorizada em articulação com aquele sítio de habitat. Parcialmente muralhado, sobranceiro ao rio Dueça e dominando em termos visuais todo o arco definido de nordeste a sudeste, alcançando o Castelo do Sobral, mas não a zona onde a gruta se situa, deverá ter correspondido a importante povoado ainda por explorar.

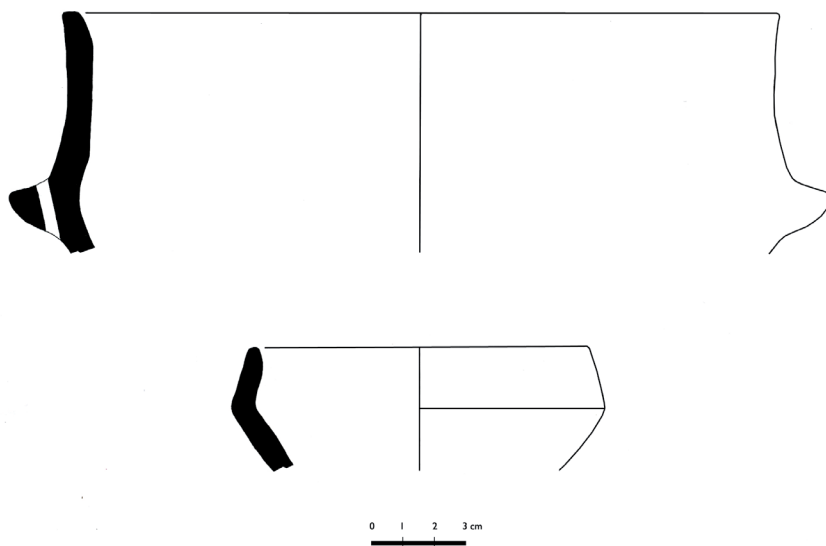


Fig. 4 – Materiais cerâmicos do Bronze Final do Castro do Tombadoiro.

4.3. A “argola de Penela”

Deixando o extremo sul do concelho e focalizando-nos a norte de Penela, chegamos à zona onde foi encontrado um colar em ouro maciço, espessado na parte central e exibindo decoração com motivos geométricos incisos,

¹⁰ Agradecemos ao Doutor Miguel Pessoa a cedência destas informações e desenho dos materiais.

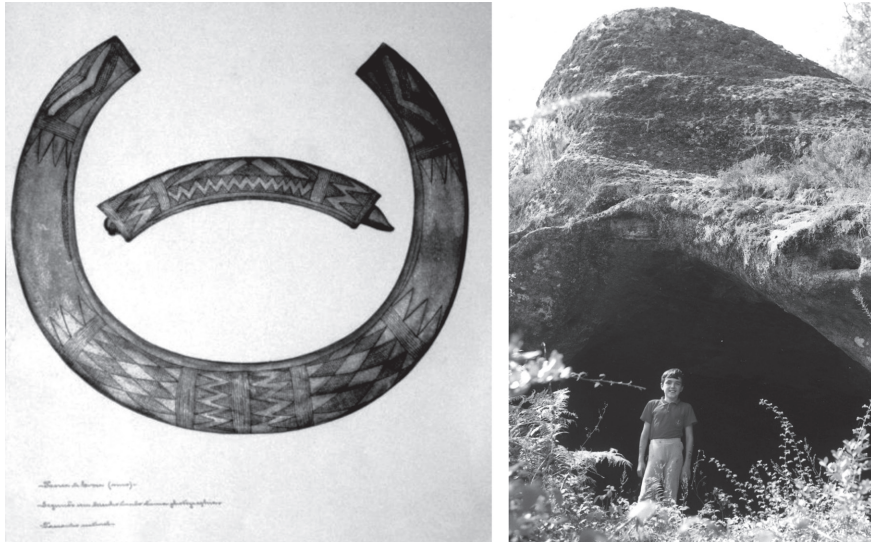


Fig. 5 – “Argola de Penela” e Lapa do Moirão onde (ou junto à qual) terá sido encontrada.

vulgarmente designado como “argola de Penela” (Fig. 5). Trata-se de um dos mais importantes testemunhos de ourivesaria arcaica peninsular, datável do Bronze Final, como dão conta inúmeras publicações da especialidade que se lhe referem, quer datáveis logo dos anos imediatos ao achado (Possidónio da Silva, Martins Sarmento, Leite de Vasconcelos, Cartailhac, Pierre Paris, etc.), quer em muitas outras publicadas ao longo de todo o século XX e até aos nossos dias.

Casualmente encontrada em Outubro (ou Março, conforme as fontes) de 1883, resultou o achado de inocente brincadeira de pastora, Augusta de Jesus, de sete (ou treze anos, consoante as fontes), que se entretinha a esgravatar a terra, junto à Lapa do Moirão ou Cova dos Mouros, como a denomina o “Portal”, sobranceira ao Vale Melhorado (S. Miguel) (Fig. 5).

O achado e as peripécias que se seguiram num vai e vem da argola entre Penela e Coimbra para ser avaliada até chegar a Lisboa, às mãos do Rei D. Fernando, encontram-se descritos, nomeadamente pela pena de Delfim de Oliveira (1884: 191-200)¹¹. Mas antes da aquisição régia, o caso

¹¹ A narração dos factos por Delfim de Oliveira difere em alguns pormenores do que é relatado por Possidónio da Silva (1883: 62-63). Por exemplo, as quantias pelas quais foi avaliada a argola: foi-o no estabelecimento do Galinha, cito na rua de Quebra-Costas,

chegou a tribunal, pois na altura do achado a pastora entregara a argola a um indivíduo que passava e lha pediu emprestada, não a restituindo. Só mais tarde, quando o pai da rapariga tomou conhecimento dos factos, veio reclamar a importância pela qual fora vendida, alegando ter sido achada em propriedade sua, acabando por reaver a argola.

Finalmente foi vendida a D. Fernando por um conto e quinhentos mil reis (ou dois contos de reis, segundo as fontes existentes), que dela tinha tido, entretanto, conhecimento. A “argola” ingressou assim na Colecção Real, nela se conservando após morte do Rei que, por testamento, recusou oferecer as suas colecções a museus ou instituições (LOPES, 2013: 376). Todavia, foi curta a sua permanência em mãos reais, tendo sido roubada do Palácio das Necessidades (ocupava lugar de destaque em vitrine feita de propósito) nos dias que se seguiram à implantação da República, em Outubro de 1910. Tendo estado enterrada cerca de 3000 anos, voltou a “ver” a luz do dia durante apenas 27 anos para mergulhar de novo numa outra escuridão com destino e paradeiro perdidos até hoje. Muito possivelmente e à semelhança de tantas outras peças auríferas terá sido fundida ou vendida pelo seu elevado valor venal.

É interessante verificar que a publicação seguiu-se de imediato ao achado, ainda no mesmo ano, pois Possidónio da Silva, arquitecto da Casa Real, que a haveria de publicar, encontrava-se em Viseu vindo logo para Coimbra mal soube da notícia (SILVA, 1883: 62). Assim se conservou pelo registo, com minuciosa descrição (indicação de medidas, pormenor do sistema de fecho, peso¹²) e imagem a partir de fotografia de José Maria dos Santos, um artefacto perdido para a ciência.

Logo depois, em 1885, Martins Sarmiento valorizará a peça, confirmando a sua correcta cronologia, sublinhando o carácter peculiar mas não único (contra o defendido por Cougny) do sistema de fecho e defendendo que “*saiu dum fabrica indígena*” (SARMENTO, 1933). E, efetivamente, a peça é lídima representante de um dos dois principais âmbitos tecnológicos da

que por ela ofereceu 450 réis (ou 500 réis) justificando tal quantia por pensar que seria de ferro dourado, enquanto um outro avaliador estimou o preço em 4.500 réis; um outro ainda em 700.000 réis.

¹² Delfim de Oliveira (1884: 192) atribui-lhe o peso de 1.950 g.

ourivesaria do Bronze Final peninsular, que se convencionou designar de “tipo Sagrajas-Berzocana” com base nos tesouros epónimos que possuem peças idênticas e cujas características mais importantes correspondem à presença de colares e braceletes anulares maciços obtidos por deformação plástica, abertos ou com fecho (como é o caso), de maior espessura na parte central (tal como esta) e com decoração incisa geométrica (como também se verifica).

A dimensão deste tipo de jóias é, em regra, modesta, neste caso com diâmetro de apenas c. 10 cm. Portanto, de reduzida dimensão para ser utilizada como colar e demasiado grande para uso como bracelete. A designação original de argola não é, deste modo, desapropriada. A respeito de outra peça da mesma época encontrada em Sintra, Leite de Vasconcelos considerou que poderiam ser “*adereços de coxa*”, assumindo implicitamente, assim o entendemos, um uso feminino (VASCONCELOS, 1896: 18). É essa a ideia hoje partilhada por diversos investigadores, tendo sido ainda admitido que este tipo de jóias pudesse corresponder a dotes de noivas de elevado estatuto numa forma de armazenamento social de riqueza e assumindo conotação funerária.

Embora não seja demonstrável, a argola de Penela pode ser entendida deste modo, tendo até presente a natureza do contexto de achado, a pequena Lapa do Moirão, com uma área de cerca de 3 m² e uma altura, na zona da entrada, de pouco mais de 2 m. Conforme frisámos, as grutas e lapas, conduzindo à profundidade da terra, eram lugares propícios a rituais de passagem e de contacto entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos. E, mais uma vez, a água está presente nas proximidades, pois a cavidade abre-se para o fértil vale da Ribeira de Vale Melhorado, subsidiária do Dueça. Note-se que a lapa passa desapercibida quando se percorre a encosta sobranceira ao vale, conforme experienciámos, só sendo visível precisamente das margens junto à ribeira. É óbvio que a deposição da peça não terá sido aleatória, antes efectuada em local intencionalmente escolhido, talvez conjugando o valor ritual das águas, que correm perto, com a protecção das rochas, elas próprias dissimuladas no espaço.

Importa agora localizar o sítio onde viveria a comunidade responsável pela ocultação da jóia. Pelo que se conhece de outras situações semelhantes, os locais de habitação nem sempre estariam longe, pelo que os outeiros

em redor, como o Cabeço da Lourinha, por exemplo, mereciam visita dos arqueólogos.

5. Notas finais

O apontamento relativo aos três casos de estudo analisados – as duas pontas de lança e a argola –, que nos remetem para o período de transição entre o II e o I milénio a.C, é por si bastante para não duvidarmos do enorme potencial que a arqueologia penelense oferece quando nos centramos nesse período. Mas é seguramente insuficiente para caracterizarmos e compreendermos as comunidades que então habitavam a zona, embora sejam indícios da enorme capacidade, por parte de alguns, em acumular riqueza sob a forma de metal, tal como se verificava em muitíssimas outras regiões nessa altura.

Para nos acercarmos dessas populações, importa conhecer-lhes os sítios que habitavam, alguns já localizados, como o Tombadouro, topónimo em si muito interessante, ou Castelo do Sobral. Também o lugar dos mortos, de que as cavidades cársicas deverão ter servido em algumas situações. Prospecções e escavações não poderão ser dispensadas nesse desafio de aproximação às memórias materiais do passado, que terá igualmente de incluir a articulação dos dados entre si e de outros existentes nas regiões circunvizinhas. As comunidades, estando plenamente sedentarizadas, também contavam entre os seus com aqueles que viajavam e estabeleciam redes de trocas (produtos, bens, informação, conhecimento, etc.) com outros grupos vizinhos ou mais distantes. Por isso, aos sítios de vida e de morte terão de se juntar os caminhos que os ligavam e o território que os estruturava.

Regiões, como é o caso, em que a pobreza da terra e a míngua de recursos, nomeadamente em minérios, se aliavam à relativa facilidade das comunicações, na altura sobretudo realizadas a pé e talvez em montada, acabariam por proporcionar contactos e viagens onde se buscaria o que não havia. O rasto desses percursos só poderá ser intuído não significando, porém, que seja pura invenção as reconstituições propostas. Se é possível visualizar algum modelo de ocupação do espaço a uma média escala, ele será de cariz mais linear que de outra ordem e em estreita proximidade com rotas naturais de circulação.

Já então, e sobretudo então, os percursos privilegiariam caminhos naturais como aquele que a velha “*Estrada Coimbrã*” haveria de consagrar a partir do séc. XII, já depois de ter conhecido passadas romanas¹³. Na sua rota definiam-se dois percursos principais que, saindo de Coimbra, voltavam a reunir-se por alturas de Pereiro, a sul da Ribeira da Murta, antes de atingir Tomar (DAVEAU, 1988).

Um dos percursos acompanhava o estreito corredor definido pelas serranias calcárias a poente e as xistosas a nascente, pela designada “depressão marginal”. Na Idade do Bronze parece ter assumido especial destaque a margem esquerda do Alto e Médio Corvo na região de Penela, onde se destacam os castros de Tombadouro e o de Castelo do Sobral, ambos relacionados com as pontas de lança, como vimos. O outro, mais sinuoso e acidentado no seu troço terminal, trepava às serras de Ansião e de Alvaiázere depois de ter percorrido a depressão do Rabaçal (Fig. 6) (VILAÇA, 2012: 17). Nesta rota vislumbram-se pelo menos três pontos-chave estruturantes do território.

De norte para sul, Conímbriga, cujo papel no Bronze Final, atestado por materiais cerâmicos e metálicos que o comprovam (CORREIA, 1993), deverá ter sido importante de *per se*, e foi-o também em termos regionais tendo presente os dados da Gruta de Medronhal (Arrifana), em estudo, e do Alto do Castelo (Eira Pedrinha) (VILAÇA, 2012).

Depois, o Cabeço de Trás de Figueiró (Ansião), que há mais de vinte anos tem vindo a proporcionar o achado de múltiplos materiais de distinta cronologia, resultantes de prospecção, recolhas casuísticas e oferta de populares (COUTINHO, 1994; 1999: 29), aguardando ainda estudo integrado de conjunto. A observação desses materiais¹⁴ permite individualizar os que remetem para os 3000 anos a.C., como os escopros e o fragmento de espada (COUTINHO, 1999: 29) e ainda os fragmentos de machado, de foice e de *tranchet*, dos que comprovam continuidade de ocupação ao longo de todo o milénio, e ultrapassando-o mesmo, como as fíbulas, onde se contam,

¹³ Sobre o assunto, veja-se Mantas, 1996: 796-798.

¹⁴ Materiais temporariamente depositados pelo Dr. José Eduardo dos Reis Coutinho no Instituto de Arqueologia da FLUC para identificação e estudo.

metálicas indígenas na viragem do milénio, algumas destas, onde se contam tipos da 1.ª metade do I milénio a.C., atestam continuidade da sua importância durante os séculos seguintes e, indiscutivelmente, inequívoca participação nos circuitos de trocas com o mundo mediterrâneo fenício até meados do milénio. No mesmo sentido devem ser mencionadas as contas de colar em pasta vítrea (COUTINHO, 1994: 113) ou as pontas de seta de barbela¹⁶, de que se encontra disponível uma imagem, aliás interpretada como arpão (COUTINHO, 1999: 29, 51, fig. 7-1).

A presença orientalizante do paleoestuário do Mondego, centrada no porto de Santa Olaia (Figueira da Foz), estendia seus tentáculos até ao *hinterland*, com estratégicos sítios indígenas, como o Crasto de Tavarede (Figueira da Foz) ou Conimbriga (ARRUDA, 2002: 225-256), e certamente também o Castro de Soure, aos quais é necessário juntar também agora o Cabeço de Trás de Figueiró (Fig. 7). A importância que preconizamos para este povoado, sem custo comparável à de Conímbriga ao longo do I milénio a.C., só deverá ter passado para segundo plano em época Romana quando esta assume o papel que todos lhe conhecemos.

O terceiro sítio corresponde ao Castro de Alvaiázere, um outro nóculo estruturante do povoamento, quer na média-escala que analisamos, quer na sua escala mais local, como “povoado central”, que terá atingido mais de 50 hectares (FÉLIX 2006: 69), o que não deixa de ser surpreendente, tendo até presente o seu abandono subsequente.

Os percursos de vida destes três sítios, apesar de se saber ainda pouco quanto aos dois últimos – um só muito parcialmente escavado, o outro transformado em “campo de colheita” de materiais –, ao contrário do primeiro, parecem ter sido bem distintos. Os motivos dessa divergência dificilmente poderão, para já, escapar a meras considerações especulativas. Mas talvez a interioridade já então pesasse e Conímbriga, situada na mais importante rota ocidental, resultaria privilegiada pela também maior proximidade ao eixo

¹⁶ Também designadas como “tipo barbillón”, “tipo Macalón”, “tipo de anzol”, o seu uso bélico está associado a novas formas de combate, de arco e flecha, desenvolvidas pelos séculos VII-IV a.C. Este tipo distribui-se particularmente na área do Guadalquivir, em ambiente orientalizante, pelo que os raros exemplares portugueses, onde se contam os de Trás de Figueiró, além de outros assumem particular significado.



Fig. 7 – Cabeço de Trás de Figueiró (vista a partir do Castelo de Germanelo).

(perpendicular) do vale do Mondego, capital nas comunicações de então entre o mar e a terra nesta zona do Centro do território que é hoje Portugal.

A região, que em parte haveria de ser a Ladeia (ARNAUT, 1939 [2013]), marcada por um fortíssimo e invulgar (e belo) cunho paisagístico, parece ter sido remetida para a retaguarda ou, por outras palavras talvez mais justas, caber-lhe-ia distinto papel finalizado o milénio que antecedeu a nossa Era. Tendo sido este um milénio de profundas alterações no contexto peninsular e europeu – a Pré-história ficaria para trás ao mesmo tempo que se adivinhavam os ventos da História – também aqui as marcas registadas na matéria e no espaço ao longo desses séculos ganharão forma e inteligibilidade quando procuradas e devidamente inquiridas.

Anexos

Documento 1 [Carta 875]

Coimbra, Estrada de S. José J.C.-5-II-38

Exm.º Senhor Dr. Leite de Vasconcelos:

O meu amigo Senhor Dr. Saavedra Machado mostrou-me há dias um postal de V. Ex.^a em que há alusão ao meu nome; pretende V. Ex.^a saber se eu já publiquei o trabalho referido numa carta a V. Ex.^a em 1935. Com muito prazer informo de que esse meu estudo sobre Ladeia e Ladera está a ser publicado na revista “Estudos”, órgão do C.A.D.C. (Centro Académico da Democracia Cristã), cuja redacção é na Couraça de Lisboa, nesta cidade. Já foram publicadas três porções que perfazem um total de cerca de 120 páginas. Não tenho números dessa revista, que possa oferecer (como seria meu desejo) a V. Ex.^a. Como, porém, tiro uma separata do meu estudo, logo que ela saia, o que sucederá lá para Abril, a enviarei a V. Ex.^a. Ladeia de que trato (tão ligada, para alguns autores, ao problema de localização da batalha de Ourique) era o nome duma região que compreendia o Jermanuello, // o Rabaçal, etc.

Por este meio envio a V. Ex.^a um livrito que há dias apareceu; fala pouco do Rabaçal, muito menos do que o estudo inserto na revista, no entanto ofereço-o, e com ele vão os protestos da minha maior consideração.

Subscrevo-me de V. Ex.^a Atento Venerador e obrigado

Salvador Dias Arnaut

875



Coimbra, Estrada do 1.º Junco, 7.º C. - 5-11-58

Querido Sr. Leit. de Vasconcelos:

O meu amigo Sr. Saavedra Rocha
de mostrou-me há dias um portal
de V. S. em que há alguns dos meus
nomes; pretendo V. S. saber se me já
publicou o trabalho referido nome-
mente a V. S. em 1935. Com muito
prazer informo de que já meo estudo
sobre Sadisa e Sadira está a ser pu-
blicado na revista "Estudos", órgão do
C. A. D. C. (Centro Académico da Un-
iversidade de Coimbra), em publicação e' na

Couraçã de Lisboa, neste ciclo. Já
 foram publicadas três fascículos que pre-
 zagem um total de cerca de 120 pá-
 ginas. Não tenho número de ex-
 t, por favor informar (como seria meu de-
 sejo) a V. V. Como, porém, não com-
 reparata do meu estudo, logo se la-
 raia, o que me recebeu lá para Abril,
 a enciosar a V. V. Sadeia de me-
 trato (tão ligada, para alguns autores,
 ao problema de localizações de Pata-
 lha de Aurique) era o nome da me-
 rupião que interpretaria o Jomonella,

o Rabagal, etc.

Por este meio envio a V. P. um
livro que li de sua publicação para
fazer do Rabagal, muito mais do que
o estudo inserido na revista, do que
tanto aprecio, e com ele são os
problemas da minha maior eni-
decação.

Subscriso em de V. P. nº 4.º, alijado

Salvador Dias de Azevedo

Documento 2 [Carta 24331]

Coimbra, Estrada de S. José J.-C.-30-IV-39

Senhor Dr. José Leite de Vasconcelos:

Não sei de V. Ex.^a se lembra do meu nome. Em Fevereiro de 1938 (segundo o meu registo) tive a honra de oferecer a V. Ex.^a um exemplar do meu livrito Penela – Notas Acerca dum Centenário, e então prometi mandar em breve um outro trabalho, sobre a região do Rabaçal – trabalho que V. Ex.^a tinha mostrado desejo de conhecer ao Sr. Dr. Saavedra Machado. Penitencio-me de esse em breve escrito em Fevereiro do ano pas//sado, só agora ter realidade: por este correio envio um exemplar da separata de que então falei a V. Ex.^a, separata só aparecida, por motivos de vária ordem, há dias.

Trata-se, como V. Ex.^a verá, dum estudo assaz minucioso sobre Ladeia, nome, segundo parece, hoje perdido da região. Não obstante ser fruto de alguns anos de trabalho, nesse livro encontrará V. Ex.^a decerto bastantes erros: o assunto é muito ingrato e eu tive de começar o edifício desde os alicerces. Acresce a isto o ser // eu um novo, com cinco lustros de vida, e até o ser estudante de medicina (do último ano) circunstância que me obriga a partilhar o tempo por assuntos muitíssimo diferentes.

A obra, contudo, parece-me ter muito de aproveitável; contém inúmeras novidades. Talvez por isso já provocou polémica... O Sr. A. Pimenta mete-se com todos.

Envio o exemplar a V. Ex.^a com o mesmo sentimento com que um discípulo entrega um exercício a um mestre; ou, se V. Ex.^a quiser, com o que um aspirante a arqueólogo e a médico en//trega um trabalho de arqueologia a um médico mestre de Arqueologia. De todos os benefícios que a leitura de V. Ex.^a poderá trazer, aquela que mais fundo colaria na minha alma seria o saber que V. Ex.^a se interessava vivamente pela região de que o livro trata. Quanto nela não há que pode prender um etnólogo, um arqueólogo! Sentir-me-ia feliz se fosse o guia de V. Ex.^a por tais paragens – e felizes se sentiriam todos os habitantes da região que a veriam estudada por um das mais gloriosas figuras portuguesas.

Ardentemente desejo a felicidade desse tempo!

Subscrevo-me com a mais elevada consideração

Salvador Dias Arnaut

24331

R

Comisbra, Entada de S. José - J. C. - 30-IV
39

Sr. Tenente Dr. José Leite de Vasconcelos.

Não sei se V. S. se lembra do meu nome. Em Fevereiro de 1938 (rejeitados o meu relatório) tive a honra de oferecer a V. S. um exemplar do meu livro Penela - Notas Acerca dum Centenário, e então prometi mandar em breve um outro trabalho, sobre a região de Rabacal - trabalho que V. S. tinha mostrado desejo de conhecer ao Sr. Dr. Paareira Machado. Peristitencia-me de meu breve escrito em Fevereiro de esse meses

cedo, só agora tu realidades: por este co-
 reio envio sem exemplar da repara-
 ta de que estas folias a V. S., reparata
 só aparçada, por motivos de vária ordem,
 ha' lras.

Trata-se, como V. S. verá, de um estudo
 assaz minucioso sobre badaria, nome,
 segundo parece, hoje perdido da república. Não
 obstante ser feito de alguns anos de tra-
 balho, nem liro se encontram V. S. de-
 -ceto bastante erros: o assunto é mui-
 to impuro e em time de começar o edifício
 desde os abieços. Necessa a isto o re-

em meu erro, com cinco lectos de vida,
e até o ser estudando de medicina (do
último ano) vicinância por me obrigo a
partilhar o tempo por assuntos necessarios
diferentes.

A obra, entudo, parece-me ter muito de a
providencia; contém innumerables novidades. Talvez
por isso foi perseguida ferozmente... O Sr. A. Pimenta
mette-se com todos.

Envio o exemplar a V. S. com o mesmo senti-
mento com que um discípulo entrega um con-
vite a um mestre; ou, a V. S. padre, com o
que um aspirante a archeologo se entrega ao

tem um tratado de agronomia e um tratado Mes-
 ta de Agronomia. De todos os benefícios que
 a leitura de V. S. produziu, aquele que mais pro-
 duziu na minha alma seria o saber que
 V. S. se interessava vivamente pelo regime de que
 o livro trata. Quanto nella não ha' que poder
 prender um etnólogo, um aspidólogo! Sentia-
 -me - ia feliz se fosse o juiz de V. S. por tais pa-
 rezes - e felizes se sentissem todos os habitan-
 tes de região que a vossa retidão fez surgir
 de mais floriss' populos potapões.

Ardentemente desejo a felicidade de V. S.

Subscriso. em um e mais choros e mais

Pirado, diaz amando

BIBLIOGRAFIA

Bibliography

FONTES MANUSCRITAS

COIMBRA

Arquivo Histórico Municipal de Coimbra

– *Provisões e Capítulos das Cortes (1462-1660).*

Arquivo da Universidade de Coimbra

– *Fundo Joaquim Lopes Praça – Morgadio dos Garridos, Livro Mestre da Casa dos Garridos (178?-1822).*

– *Governo Civil. Assistência e Saúde Pública. Epidemias: [1832]-1855.*

– *Governo Civil. Cadernos Eleitorais. Penela. 1841-1858.*

– *Governo Civil. Cadernos eleitorais. Penela. 1843.*

– *Governo Civil. Indústria. Licenças.*

– *Governo Civil. Municípios. Receitas e Despesas. Câmara Municipal de Penela, 1841-1890.*

– *Governo Civil. Orçamentos de Confrarias. Penela (1852-1883).*

– *Registos Paroquiais de Coimbra, freguesia de Miranda do Corvo. Casamentos. 1719-1783*

– *Registos Paroquiais. Registos de Casamentos, freguesia de São Miguel de Penela.*

– *Registos Paroquiais. Registos de Óbitos, freguesia de São Miguel de Penela.*

– *Registos paroquiais de Montemor-o-Velho, freguesia da Carapinheira.*

– *Registos Notariais de Coimbra.*

– *Registos notariais de Penela.*

LISBOA

Academia das Ciências de Lisboa

– *Historia Manlianense, Cronologica, Epithomatica, Bellica, Genealogica, e Panegyrica na qual a curiosidade decifrará successos que admiram*

progressos que assombram e dezenganos que aproveitam. Por Antonio Correa da Fonseca e Andrade – Rellação em summa da forma em que a Caza de Aveyro se administrava no tempo em que se achava em sequestro pella abzencia do duque D. Raymundo e pondose em administração por falecimento do duque D. Pedro inquisidor geral a forma em que se administrou athe o prezente com a noticia das rendas que tem, e dos officios da arrecadação da fazenda, e alguns de justiça que são pagos pella caza.

Biblioteca da Ajuda

– *Livro das avvaliaçõis de todos os offiçios do reino de Portugal. Anno 1640.*

Arquivo Nacional Torre do Tombo

- *Chancelaria de D. Afonso VI. Doações offiçios e mercês.*
- *Chancelaria de D. João III. Doações, offiçios e mercês.*
- *Chancelaria de D. João V. Doações, offiçios e mercês.*
- *Chancelaria de D. Manuel.*
- *Chancelaria de D. Pedro II. Doações, offiçios e mercês.*
- *Chancelaria de D. Sebastião e D. Henrique. Doações, offiçios e mercês.*
- *Chancelaria-mor da Corte e Reino. Livro 14.*
- *Confirmações Gerais.*
- *Feitos Findos. Casa da Suplicação.*
- *Habilitações para Familiar do Santo Officio.*
- *Ordem de Santiago e Convento de Palmela.*
- *Registo Geral de Mercês. D. Pedro II, D. José I, D. Maria I, D. João VI e D. Luís I.*

MONTEMOR-O-VELHO

Arquivo Municipal de Montemor-o-Velho

- *Livro das Avaliações dos Offiçios, Alcaydarias môres, & Capellas da Ouvedoria de Monte-mor o Velho e Villas ãnexas á sua jurisdição. Feyto por ordem de Sua Magestade por Lourenço Pirez Carvalho do seu Conselho, seu Sumilher de Cortina, Deputado da Meza da Consciencia, e Ordens, e da Junta dos Tres Estados. Escripto por Francisco Tinoco da Sylva. Anno 1691.*

PENELA

Centro de Estudo de História Local e Regional Salvador Dias Arnaut

– *Livros de Actas de Sessões da Câmara*

PORTO

Arquivo Distrital do Porto

– *Registos Paroquiais do Porto. Registos de casamento, freguesia de Santo Ildefonso.*

SETÚBAL

Arquivo Distrital de Setúbal

– *Registos Paroquiais*

FONTES IMPRESSAS

ANDRADE, Agostinho Rodrigues de (1896) – *Chorographia historico-estatística do districto de Coimbra*. Coimbra: Imprensa da Universidade.

Chancelaria de D. Afonso III. Livro I, Vol. I. (Publicado por VENTURA, Leontina e OLIVEIRA, António Resende de). Coimbra: Imprensa da Universidade, 2006.

DIAS, Luiz Fernando de Carvalho (1962) – *Forais Manuelinos do Reino de Portugal e do Algarve conforme o exemplar do Arquivo Nacional da Torre do Tombo de Lisboa*, Estremadura. Beja: Edição do Autor.

DR = *Documentos medievais portugueses. Documentos régios*, 2 vols. Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1958 e 1962.

DR = *Documentos Medievais Portugueses. Documentos Régios, vol. I, Documentos dos Condes Portucalenses e de D. Afonso Henriques*. A. D. 1095-1185, t. I. Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1958.

DS = AZEVEDO, Rui de; COSTA, Avelino de Jesus da; PEREIRA, Marcelino Rodrigues, *Documentos de D. Sancho (1174-1211)*. Coimbra: Centro de História da Universidade de Coimbra, 1979.

GAIO, Felgueiras (1939) – *Nobiliário de Famílias de Portugal*. Volumes XI e XIX. Braga: Pax.

- GOMES, Saul António (1988) – *Documentos medievais de Santa Cruz de Coimbra*. I. Arquivo nacional da Torre do Tombo. Separata de *Estudos Medievais*.
- Inventário do acervo documental do morgado da Aveleda* (2011) – Penafiel: Arquivo Municipal de Penafiel/Câmara Municipal de Penafiel.
- Leges = Portugaliae Monumenta Historica. Leges*. Lisboa: Academia das Ciências, 1856.
- LP = Livro Preto. Cartulário da Sé de Coimbra*. Edição crítica. Texto integral (Direcção e coordenação editorial de RODRIGUES, Manuel Augusto. Direcção científica de COSTA, Avelino de Jesus da). Coimbra: Arquivo da Universidade.
- LS = Livro Santo de Santa Cruz. Cartulário do séc. XII*. Edição de VENTURA, Leontina e FARIA, Ana Santiago. Coimbra: Centro de História da Sociedade e da Cultura da Universidade de Coimbra, 1990.
- PORTUGAL, Tomás António de Vila-Nova (1991) – “Memória sobre a preferência que entre nós merece o estabelecimento dos mercados ao uso das feiras de ano para o comércio intrínseco”. In *Memórias Económicas da Academia Real das Ciências de Lisboa (1789-1815)*. Lisboa: Banco de Portugal. Tomo II, pp. 3-12.
- SECO, Antonio Luiz de Sousa Henriques (1853) – *Memoria historico-chorographica dos diversos concelhos do districto administrativo de Coimbra*. Coimbra: Na Imprensa da Universidade.
- Scriptores = Portugaliae Monumenta Historica. Scriptores*. Lisboa: Academia das Ciências, 1856.
- SOUSA, António Caetano de (1747) – *Historia Genealogica da Casa Real Portuguesa*. Tomo XII, Parte I. Lisboa: Na Regia Officina Sylviana.
- SOUSA, António Caetano de (1748) – *Provas da Historia Genealogica da Casa Real Portuguesa*. Tomo XI. Lisboa: Na Regia Officina Sylviana
- TEP = Testamenti Ecclesiae Portugaliae (1071-1325)*. Coord. de MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa. Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, 2010.
- VENTURA, Leontina e FARIA, Ana Santiago (1990). *Vid. LS*.
- VENTURA, Leontina e MATOS, João da Cunha (2010) – *Diplomatário da Sé de Viseu (1078-1278)*. Coimbra: Imprensa da Universidade.

ESTUDOS

- ALARCÃO, Jorge de (1999) – *Conimbriga. O chão escutado*. Lisboa: Edicarte.
- ALARCÃO, Jorge de (2008) – *Coimbra. A montagem do cenário urbano*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- ALARCÃO, Jorge de (2012) – *As pontes de Coimbra que se afogaram no rio*. Coimbra: Ordem dos Engenheiros.
- ALARCÃO, Jorge de (2013) – “Percursos de Ibn Maruán”. *Portugália*, nova série, 34, Porto, pp. 143-155.
- ALMEIDA, Luis Ferrand de (1996) – “Notas sobre a obra historiográfica do Doutor Salvador Dias Arnaut”. *Revista Portuguesa de História*, 31, vol. I, Coimbra, pp. 31-45.
- AMARAL, Luís Carlos e BARROCA, Mário Jorge (2012) – *A condessa-rainha Teresa*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- ARNAUT, Salvador Dias (1934) – “Arqueologia: pedras velhas”. *Gazeta de Coimbra*, 23 (3163) de 20 de Março, p. 5.
- ARNAUT, Salvador Dias (1937) – *Penela. Notas acêrca dum centenário*. Coimbra: Atlântida Livraria Editora.
- ARNAUT, Salvador Dias (1939) – *Ladeia e Ladera. Subsídios para o estudo do feito de Ourique*. Coimbra: Gráfica de Coimbra (com edição fac-similada em 2013 por Palimage: Coimbra e Centro de Estudos de História Local e Regional Salvador Dias Arnaut: Penela).
- ARNAUT, Salvador Dias (1955) – *Região do Rabaçal: a terra e o homem*. Coimbra: U.C. Separata de *Boletim do Centro de Estudos Geográficos*, 6-7, pp. 1-23.
- ARNAUT, Salvador Dias (1957) – “Novas achegas para a história da Ladeia”. *Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências. XXIII Congresso Luso-Espanhol*. Tomo VII, pp. 371-373.
- ARNAUT, Salvador Dias (1964) – *Ansião. Um pouco da sua história*. Lisboa: Gráfitécnica de José Faria Miranda.
- ARNAUT, Salvador Dias (1966) – *Penela na obra de dois escritores: Fernão Lopes e Eloy de Sá Sotto Maior*. Penela: Câmara Municipal.
- ARNAUT, Salvador Dias (1982) – “O castelo do Germanelo”. *Anais da Academia Portuguesa da História*, 2ª Série, 28, Lisboa, pp. 233-256.

- ARNAUT, Salvador Dias (1993) – “O infante D. Pedro, senhor de Penela”. *Biblos*, 69, pp. 173-217.
- ARNAUT, Salvador Dias; DIAS, Pedro (1983) – *Penela. História e arte*. Penela: Câmara Municipal de Penela.
- ARRUDA, Ana Margarida (2002) – “Los Fenícios en Portugal. Fenícios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a. C.)”. *Cuadernos de Arqueología Mediterránea*, 5-6 (1999-2000). Barcelona: Universidad de Pompeu Fabra de Barcelona.
- AZEVEDO, Rui de (1937) – “Período de formação territorial”. In BAIÃO, António, CIDADE, Hernâni e MÚRIAS, Manuel, *História da Expansão Portuguesa no Mundo*. Lisboa: Editorial Ática, pp. 7-64.
- BARROCA, Mário Jorge (1996-1997) – “A Ordem do Templo e a arquitectura militar portuguesa do século XII”. *Portugália*, nova série, 17-18, Porto, pp. 171-209.
- BITTEL, K. [et al] (1968) – *Studien zu den Anfängen der Metallurgie*, Band 2, Teil 3, Gebr. Mann Verlag, Berlin.
- BRÁSIO, António (1975) – *Arcediagado de Penela*. Separata das Actas do Colóquio: papel das áreas regionais na formação histórica de Portugal. Lisboa: Academia Portuguesa da História.
- CAPELO, Ludovina Cartaxo (1999-2000) – “Catálogo do registo vincular do distrito de Coimbra”. *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, 19-20, pp. 211-240.
- CARDOSO, Carlos Alberto Lopes (1972) – “Dona Ana Joaquina dos Santos Silva industrial angolana da segunda metade do século XIX. Luanda”. *Boletim Cultural da Câmara Municipal de Luanda*, 37, pp. 5-14.
- CASCÃO, Rui (1978) – *Aspectos sociais e económicos do concelho de Arganil na segunda metade do século XIX*. Coimbra: Arquivo da Universidade de Coimbra. Separata do *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, 4, Coimbra, pp. 1-37.
- CASCÃO, Rui (1996) – “A mobilidade geográfica nos finais do Antigo Regime (1823-1834) – o caso do concelho de Penela”. *Revista Portuguesa de História*, 31, II, pp. 383-410.
- CASCÃO, Rui de Ascensão Ferreira (1998) – “Antroponímia, genealogia e história. Um estudo de caso: a família Arnaut”. In *‘Na morte de um*

- homem bom*': homenagem ao Professor Salvador Dias Arnaut. Coimbra; Figueira da Foz: Centro de Estudos do Mar, pp. 118-146.
- CASTRO, Francisco Cyrne de (1970) – “Garridos e Melos Coutinhos”. *Boletim da Academia Portuguesa de Ex-Libris*. Ano XV, 51, pp. 12-16.
- CASTRO, Maria João Padez de (2001-2002) – “Catálogo do Arquivo do Morgado dos Garridos”. *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*. 21-22, pp. 445-480.
- CHORÃO, Maria José Bigotte (1990) – *Os Forais de D. Manuel. 1496-1520*. Lisboa: Arquivo Nacional da Torre do Tombo.
- CLARENCE-SMITH, Gervase (1990) – *O Terceiro Império Português (1825-1975)*. Lisboa: Teorema.
- COELHO, Maria Helena da Cruz (1982) – “O senhorio crúzio do Alvorge na centúria de Trezentos”. In *Estudos de História de Portugal. Homenagem a A. H. de Oliveira Marques*, vol I, Lisboa: Editorial Estampa, pp. 177-240.
- COELHO, Maria Helena da Cruz (1989) – *O Baixo Mondego nos finais da Idade Média*, 2 vols. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- COELHO, Maria Helena da Cruz (1998) – “O Infante D. Pedro, duque de Coimbra”. *Biblos*, 69, Coimbra, pp. 15-57.
- COELHO, Maria Helena da Cruz (2007) – *Foral de D. Manuel I a Santarém*. Santarém: Câmara Municipal de Santarém.
- COELHO, Maria Helena da Cruz (2013) – *O Município de Coimbra. Monumentos Fundacionais*. Coimbra: Câmara Municipal de Coimbra-Imprensa da Universidade de Coimbra.
- COELHO, Maria Helena da Cruz e GOMES, Saul António (2015) – *Esgueira: 500 anos do foral manuelino*. Aveiro: Junta de Freguesia de Esgueira – Câmara Municipal de Aveiro.
- COELHO, Maria Helena da Cruz e GOMES, Saul António (2015) – *O foral de D. Manuel a Aveiro: uma memória de 500 anos*. Aveiro: Câmara Municipal de Aveiro.
- COELHO, Maria Helena da Cruz e MAGALHÃES, Joaquim Romero (1986) – *O poder concelhio: das origens às Cortes Constituintes*. Coimbra: Centro de Estudos de Formação Autárquica.
- COELHO, Maria Helena da Cruz e MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa (1999) – *Forais e Foros da Guarda*. Guarda: Câmara Municipal da Guarda.

- COFFYN, A. (1985) – *Le Bronze Final Atlantique dans la Péninsule Ibérique*. Paris: Diffusion de Bocard, Publ. Centre Pierre Paris, 11, col. Maison Pays Ibériques, 20.
- CONDE, Manuel Sílvio Alves (2000) – “Uma paisagem humanizada. O Médio Tejo nos finais da Idade Média”. Cascais: *Patrimonia*.
- CORREIA, Vergílio; GONÇALVES, A. Nogueira (1952) – *Inventário artístico de Portugal. Distrito de Coimbra*. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes.
- CORREIA, Virgílio (1993) – “Os materiais pré-romanos de Conímbriga e a presença fenícia no Baixo vale do Mondego”, *Estudos Orientais*. Lisboa, IV, pp. 229-283.
- COSTA, Avelino de Jesus da (1984) – “D. João Peculiar co-fundador do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, bispo do Porto e arcebispo de Braga”. In *Santa Cruz de Coimbra do século XI ao século XX. Estudos*. Coimbra: [Comissão Executiva do IX Centenário do Nascimento de S. Teotónio], pp. 59-83.
- COSTA, João Paulo Oliveira (2005) – *D. Manuel I. 1469-1521. Um príncipe do Renascimento*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- COSTA, Leonor Freire, LAINS, Pedro, MIRANDA, Susana Munch (2011) – *História Económica de Portugal (1143-2010)*. Lisboa: Esfera dos Livros.
- COUTINHO, José Eduardo Reis (1986) – *Ansião. Perspectiva global da arqueologia, história e arte da vila e do concelho*. Coimbra, [s. n.].
- COUTINHO, José Eduardo Reis (1989) – “Façalamim”. *Munda*, 18, pp. 77-85.
- COUTINHO, José Eduardo Reis (1994) – “Monte Figueiró”. In *Idade do Ferro – Catálogo*. Câmara Municipal da Figueira da Foz, Serviços Culturais/Museu, pp. 113-115.
- COUTINHO, José Eduardo Reis (1999) – *Idade do Ferro e Romanização no Monte Figueiró: perspectivas e problemas existentes*. Coimbra: Instituto de Arqueologia (policopiado).
- CRAVO, Manuel Bernardo Pereira Vieira Nunes (2010) – *Estudo arqueológico do território compreendido entre Aljazede/Ateanha, Chão de Ourique/Póvoa e vale do rio Dueça. Evolução entre a época romana e*

- alto-medieval* (Tese de mestrado, policopiada, apresentada à Faculdade de Letras de Coimbra).
- CUNHA, Eugénia. (coord.) (2008) – *Intervenção de Antropologia Biológica: Gruta do Algarinho (Santa Eufémia, Penela, Coimbra)*. Coimbra (relatório policopiado).
- CUNHA, Lúcio (1990) – *As serras calcárias de Condeixa-Sicó-Alvaiázere. Estudo de geomorfologia*. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- CUNHA, Mafalda Soares da (2000) – *A Casa de Bragança, 1560-1640. Práticas senhoriais e redes clientelares*. Lisboa: Estampa.
- CUNHA, Mafalda Soares da (2012) – “O provimento de ofícios menores nas terras senhoriais. A Casa de Bragança nos séculos XVI-XVII”. In STUMPF, Roberta e CHATURVEDULA, Nandini (orgs.) – *Cargos e ofícios nas monarquias ibéricas: provimento, controlo e venalidade (séculos XVII e XVIII)*. Lisboa: Centro de História Além-Mar.
- CUNHA, Mafalda Soares da e FONSECA, Teresa (2005) – *Os Municípios no Portugal Moderna. Dos forais manuelinos às reformas liberais*. Évora: Colibri.
- DAVEAU, Suzanne (1988) – “A estrada coimbrã – o traçado pela serra de Ansião”. In *Estudos e ensaios em homenagem a Vitorino Magalhães Godinho*. Lisboa: Sá da Costa, pp. 451-461.
- DEMANGEON, Albert (1943) – *Problèmes de Géographie Humaine*. Paris: Armand Colin.
- DIAS, João José Alves (2014) – “A assinatura régia: a tinta-ouro escreve o rei”. *Fragmenta Historica. Revista do Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa*, 2, pp. 7-9.
- DÍAZ RODRÍGUEZ, J. – “El precio del nepotismo. Coadjutoría y resigna en las catedrales andaluzas (ss. XVI-XVIII)”. *Chronica Nova*, 35, pp. 287-309.
- DINIS, Júlio (1986) – *A Morgadinha dos Canaviais. Romance*. Porto: Porto Editora. [A 1.ª edição é de 1868].
- DINIS, Maria José (1961) – *O mosteiro de S. Jorge. Subsídios para a sua história nos séculos XII e XIII* (Tese de licenciatura, policopiada, apresentada à Faculdade de Letras de Coimbra).

- DIONÍSIO, Sant' Anna (1993) – “Penela”. In *Guia de Portugal*. 3.º vol. *Beira*. I. *Beira Litoral*. Coord. Sant' Anna Dionísio. 3.ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 359-364.
- DOMINGUES, José e PINTO, Pedro Pinto (2015) – “O ‘foral velho’ da vila de Aveiro de 1342”, *e-Slegal History Review*, 20, pp. 1-26.
- DUARTE, Luís Miguel (2002/2003) – “Os ‘Forais novos’: uma realidade falhada?”. *Revista Portuguesa de História*, 36, vol. 1, pp. 391-404.
- DUPÂQUIER, Jacques (1979) – “L’analyse statistique des crises de mortalité”. In *The great mortalities. Methodological studies of demographic crises in the past / Les grandes mortalités. Étude méthodologique des crises démographiques du passé*. Liège: Ordina Editions, pp. 83-112.
- ENCARNAÇÃO, Tomás da (1762) – *Historia Ecclesiae Lusitaniae, III*. Coimbra: Academia Pontificia.
- ENGELN, Theo [et al.] (2004) – “The family strategies concept: An evaluation of four empirical case studies”. *History of the Family*, 9, pp. 239-251.
- FÉLIX, Paulo (2006) – “O final da Idade do Bronze e os inícios da Idade do Ferro no Ribatejo Norte (Centro de Portugal): uma breve síntese dos dados arqueográficos”. *Conimbriga*, XL, pp. 65-92.
- FIGUEIREDO, E. [et al.] (2011) – “A ponta de lança da Gruta da Nascente do Algarinho (Penela) no contexto da metalurgia do Bronze Final”. *Actas do Encontro Internacional sobre Ciências e Novas Tecnologias aplicadas à Arqueologia na villa romana do Rabaçal, Penela, Terras de Sicó, Portugal*. Penela: Câmara Municipal de Penela, pp. 41-49.
- FIGUEIRÔA-RÊGO, João de (2011) – “A honra alheia por um fio”. In *Os estatutos de limpeza de sangue nos espaços de expressão ibérica (sécs. XVI-XVIII)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e Tecnologia.
- FONSECA, Fernando Taveira da (2005) – *O Poder Local em Tempo de Globalização: uma história e um futuro*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- FREIRE, A. Braamcamp (1908) – “Povoação da Estremadura no Século XVI”. *Archivo Historico Portuguez*, vol. VI, pp. 241-284.
- FREIRE, Anselmo Brancaamp (1921) – *Brasões da Sala de Sintra*. Vol. I. Coimbra: Imprensa da Universidade.

- GARCIA, José Manuel (2009) – *Os Forais Novos do reinado de D. Manuel*. Coleção do Banco de Portugal. Lisboa: Banco de Portugal.
- GOMES, Saul António (2004) – *Introdução à História do Castelo de Leiria*. 2.^a ed. revista e ampliada. Leiria: Câmara Municipal.
- HESPANHA, António Manuel (1994) – *As Vésperas do Leviathan. Instituições e poder político. Portugal – séc. XVII*. Coimbra: Almedina.
- HESPANHA, António Manuel (2001) – “O Foral Novo de Évora no contexto da reforma dos forais de D. Manuel I”. In *Foral Manuelino de Évora*. Évora: Câmara Municipal de Évora-Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp. 41-65.
- HOUAISS = *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2002.
- JARNAUT (1915) – *Monografia do município penelense. Narração dos factos aqui decorridos desde os tempos primitivos até 1910*. Lousã: Ed. Autor.
- JARNAUT (1915) – *Monografia do Município Penelense*. Penela: Ed. João Pedro A.
- JOSÉ, C. E. S. (2013) – *Análise e problematização de um conjunto de fibulas da I Idade do Ferro do Monte de Trás de Figueiró (Ansião, Leiria)*. Coimbra: FLUC (trabalho policopiado).
- LACERDA, Silvestre (coord) (2013) – *O foral Novo. Registos que contam histórias*. Lisboa: Direcção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas/Arquivo Nacional da Torre do Tombo/Fundação da Casa de Bragança.
- LARCHER, Tito de Sousa (1930) – “O fossado de Ladera”. *Portucale*, 3, Porto, pp. 362-363.
- LOPES, Maria Antónia (2011) – “Instituições de piedade e beneficência do distrito de Coimbra na década de 1870”. *Revista de História da Sociedade e da Cultura*, 11, pp. 317-358.
- LOPES, Maria Antónia (2013) – *D. Fernando II*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- LOPO, Júlio de Castro (1948) – “Um rica dona de Luanda”. *Portucale*. 3. pp. 129-138.
- LOUREIRO, Guilherme Maia de (2015) – *Estratificação e Mobilidade Social no Antigo Regime em Portugal (1640-1820)*. Lisboa: Guarda-Mor.

- LOURENÇO, Maria Paula Marçal (1999) – *Casa, Corte e Património das Rainhas de Portugal (1640-1754). Poderes, Instituições e Relações Sociais*. 5 Volumes. Lisboa: Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- MACHADO, José Pedro (1993) – *Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte.
- MACHADO, Pedro da França (2004) – “A Quinta da Chaqueda, de São Miguel de Penela. Percurso senhorial de um assento, dos sécs. XVII-XIX”. *Munda*, 48, pp. 59-68.
- MAGALHÃES, Joaquim Romero (1993) – *O Algarve económico, 1600-1773*. Lisboa: Estampa.
- MANTAS, Vasco Gil (1985) – “Dois novos miliários do território de Conimbriga”. *Biblos*, 61, pp. 159-179.
- MANTAS, Vasco Gil (1996) – *A rede viária romana da faixa atlântica entre Lisboa e Braga*. Coimbra: Universidade de Coimbra (dissertação de doutoramento, policopiada).
- MARQUES, João Pedro (1999) – *Os Sons do silêncio: o Portugal de Oitocentos e a abolição do tráfico de escravos*. Lisboa: ICS.
- MARTINS, Alcina Manuela de Oliveira e MATA, Joel Silva Ferreira (1989) – “Os Forais Manuelinos da Comarca da Estremadura”. *Revista de Ciências Históricas*, 4, Porto, pp. 125-222.
- MATA, Cristóvão (2014) – *O poder local em Penela (1640-1834)*. Coimbra: Palimage.
- MATOS, João da Cunha (1998) – *A Colegiada de São Cristóvão de Coimbra (sécs. XII e XIII)*. Tomar (Tese policopiada apresentada ao Instituto Politécnico de Tomar).
- MATTOSO, José (1993) – *História de Portugal. Vol II. A monarquia feudal (1096-1480)*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- MATTOSO, José (2006) – *D. Afonso Henriques*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- MENESES, Alberto Carlos (1825) – *Plano de Reforma de Foraes e Direitos Bannaes*. Lisboa: Impressão Régia.
- MONTEIRO, Nuno Gonçalo (1962) – “Forais Manuelinos”. In *Forais Manuelinos*. Beira, ed. de Luiz Fernando de Carvalho Dias, pp. I-IV.
- MONTEIRO, Nuno Gonçalo (1998) – *O crepúsculo dos Grandes, (1750-1832)*. Lisboa: INCM.

- MONTEIRO, Nuno Gonçalo (1998) – “A sociedade local e os seus protagonistas”. In OLIVEIRA, César (coord.) – *História dos Municípios e do Poder Local*. Lisboa: Temas & Debates.
- MONTEIRO, Nuno Gonçalo (2011) – “Casa, casamento e nome: fragmentos sobre as relações familiares e indivíduos”. In *História da vida privada em Portugal*, dir. de José Mattoso. *A Idade Moderna*. Lisboa: Temas e Debates/Círculo dos Leitores.
- MOTA, Guilhermina (1990) – *Estruturas familiares no mundo rural. Grupos domésticos no bispado de Coimbra em 1801*. Coimbra. Separata da *Revista Portuguesa de História*, 24 (1989). Coimbra, pp. 1-66.
- MOTA, Guilhermina (2000) – *Notas para o estudo da família em Penela no século XIX*. Separata de *A cidade e o campo. Colectânea de estudos*. Coimbra: Centro de História da Sociedade e da Cultura, pp. 291-298.
- NASCIMENTO, Aires A. (1998) – *Hagiografia de Santa Cruz de Coimbra. Vida de D. Telo, Vida de D. Teotónio, Vida de Martinho de Soure* (edição crítica de textos latinos, tradução, estudo introdutório e notas de comentário). Lisboa: Edições Colibri.
- NETO, Margarida Sobral (1993) – “A persistência senhorial”. In *História de Portugal*, MATOSO, José (dir), vol. 3, MAGALHÃES, Joaquim Romero (coord.) – *No Alvorecer da Modernidade (1480-1620)*. Lisboa: Editorial Estampa, pp. 165-193.
- NUNES, Ana Sílvia Albuquerque (2009) – *Municipalismo e sociedade do Porto. De Pombal às Invasões Francesas*, Porto: GEHVID/Instituto de Genealogia e Heráldica da Universidade Lusófona do Porto.
- OLIVAL, Fernanda (2001) – *As Ordens Militares e o Estado Moderno: honra, mercê e venalidade em Portugal (1641-1789)*. Lisboa: Estar.
- OLIVAL, Fernanda (2004) – “Rigor e interesses: os estatutos de limpeza de sangue em Portugal”. *Cadernos de estudos sefarditas*, 2004, pp. 154-182.
- OLIVAL, Fernanda (2011) – “Economía de la merced y venalidad en Portugal (siglos XVII y XVIII)”. In ANDÚJAR CASTILLO, Francisco e FELICES DE LA FUENTE, María del Mar (eds.) – *El Poder del Dinero. Ventas de cargos y honores en el Antiguo Régimen*. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva.

- OLIVEIRA, António de (1991) – *Poder e Oposição Política em Portugal no Período Filipino (1580-1640)*. Lisboa: Difel.
- OLIVEIRA, António de (1985) – “Salvador Dias Arnaut (1913-1995). Notícia da jubilação universitária”. *Revista Portuguesa de História*, 22, pp. 201-206.
- OLIVEIRA, António de (1994) – “Salvador Dias Arnaut (1913-1995). Notícia da jubilação universitária”. *Biblos*, 70, pp. 642-647.
- OLIVEIRA, António de (2002) – “A Modos de Prefácio”. In *Movimentos Sociais e Poder em Portugal no Século XVII*. Coimbra: IHES/FLUC.
- OLIVEIRA, António de (2010) – “Problemática da História Local”. In *Pedaços de História Local*. Coimbra: Palimage, vol. I.
- OLIVEIRA, António de (2013) – “Salvador Dias Arnaut (1913-1995). Notícia da jubilação universitária”. In *Antiquarismo e História*. Coimbra: Palimage, pp. 303-308.
- OLIVEIRA, António de (2013) – “Seis décadas de História na Faculdade de Letras de Coimbra”: In *Antiquarismo e História*. Coimbra: Palimage, pp. 201-284.
- OLIVEIRA, César (1996) – *História dos Municípios e do Poder Local*. Lisboa: Temas & Debates.
- OLIVEIRA, Delfim José de (1884) – *Notícias de Penella. Apontamentos históricos e archeologicos*. Lisboa: Typ. da Casa Minerva.
- OLIVEIRA, Delfim José de (1890) – *Supplemento ás Notícias de Penella*. Porto: Typ. Cruz Coutinho.
- OLIVIER, Laurent (2008) – *Le Sombre Abîme du temps. Mémoire et archeology*. Paris: Éditions du Seuil.
- PEREIRA, Joaquim Tomaz Miguel (1996) – “Bibliografia do Prof. Doutor Salvador Arnaut”. *Revista Portuguesa de História*, 31. Homenagem ao Doutor Salvador Dias Arnaut, I, pp. 9-30.
- PESSOA, Miguel (2003) – “Uma ponta de lança do Bronze Final”. *Actas do IV Congresso Nacional de Espeleologia (NEL/FPE)*. Leiria, pp. 124-127.
- PIMENTA, Fernando Tavares (2009) – *Soure. Família, matrimónio e sociedade*. Coimbra: Areias do Tempo.
- RAU, Virgínia (1982) – *Feiras medievais portuguesas. Subsídios para o seu estudo*. Lisboa: Editorial Presença.

- RIBEIRO, Ana Isabel Ribeiro (2013) – “O património da fidalguia da região de Coimbra – o caso da família Garrido (século XVIII)”. *Revista Portuguesa de História*, 44. pp. 337-368.
- RIBEIRO, Orlando (1949) – *Le Portugal Central (livret-guide de l'excursion C)*. Lisbonne: Union Géographique Internationale.
- RODRIGUES, Alice Correia Godinho; RODRIGUES, Manuel Augusto (1982) – “O Convento de Santo António de Penela. O inventário dos seus bens ao tempo da sua extinção (1834)”. *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, 4, pp. 85-129.
- RODRIGUES, José Damião (2003) – *São Miguel no século XVIII: casa, elites e poder*. 2 volumes. Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada.
- RODRIGUES, Mário Rui Simões e GOMES, Saul António (2012) – *Notícias e memórias paroquiais setecentistas. 10. Ansião*. Coimbra: Palimage.
- ROQUE, João Lourenço (1977) – *Alguns aspectos da criminalidade no distrito de Coimbra nos anos de 1841 a 1844*. Separata do Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra, 3, pp. 119-160.
- ROQUE, João Lourenço (1982) – *Classes populares no distrito de Coimbra no século XIX (1830-1870). Contributo para o seu estudo*. 2 tomos. Coimbra (Dissertação de doutoramento, policopiada, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra).
- ROQUE, João Lourenço (1985) – *Subsídios para o estudo da «revolta» em Portugal no século XIX. Alguns exemplos de motins (e outras acções de grupo) na região de Coimbra (1840-1860)*. Separata da *Revista de História das Ideias*, 7, pp. 243-280.
- ROQUE, João Lourenço (1988) – *A população da freguesia da Sé de Coimbra (1820-1849). Breve estudo socio-demográfico*. Coimbra: Faculdade de Letras.
- RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, Marisa (1984) – *La Península Ibérica y sus relaciones con el círculo cultural atlántico*. Madrid: Universidad Complutense de Madrid.
- SARMENTO, Francisco Martins (1933) – “A argola encontrada em Penela”. In *Dispensos*. Coimbra: Imprensa da Universidade, pp. 282-287.
- SIDARUS, Adel (1991) – “Amaia de Ibn Maruán: Marvão”. *Ibn Maruán*, 1, Marvão, pp. 13-26.

- SILVA, José Possidónio da (1883) – “Grande argola de ouro achada em Portugal na provincial da Extremadura em 1883”. *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*, 2.^a série, IV, pp. 62-63.
- SILVA, Marcos Osório e SALGUEIRO, Pedro (1991) – *Levantamento Arqueológico do Concelho de Penela*, 2 vols. Coimbra: Instituto de Arqueologia (policopiado).
- SILVEIRA, Joaquim da (1937) – “Toponímia Portuguesa”. *Revista Lusitana*, 35, Lisboa, pp. 50-139.
- SOARES, Sérgio Cunha (1996-1997) – “O ducado de Aveiro e a vila da Lousã no século XVIII (1732-1759)”. *Arunce: Revista de Divulgação Cultural*, 11 e 12.
- SOARES, Sérgio Cunha (1996) – “Nobreza conimbricense e modos de governo político. Um ensaio municipal (1640-1777)”. *Revista Portuguesa de História*, 31, pp. 555-573.
- SOARES, Sérgio Cunha (2000-2004) – *O Município de Coimbra da Restauração ao Pombalismo*. 3 Volumes. Coimbra: Centro de História da Sociedade e da Cultura.
- SOFAER, Joanna (2006) – *The Body as Material Culture*. Cambridge: Cambridge University Press.
- SORIAMESA, Enrique (2007) – *La nobleza en la España moderna. Cambio e continuidade*. Madrid: Marcial Pons Historia.
- VASCONCELOS, José Leite (1896) – “Xorca de ouro”. *O Archeologo Português*, II, pp. 17-24.
- VASCONCELOS, José Leite (1913) – “Aquisições do Museu Etnológico Português”. *O Archeologo Português*, XVIII, pp. 131-168.
- VELHO, Martim (1985) – “Ibn Marwan (Ibn al-Djilliki) e Sadun Surunbaqi. A localização de Monsalude”. *Proceedings of the ninth Congress of the Union Européenne d’Arabisants et Islamisants*, Leiden, pp. 270-287.
- VENTURA, Leontina (1992) – *A nobreza de corte de Afonso III* (Tese de doutoramento, policopiada, apresentada à Faculdade de Letras de Coimbra).
- VERSOS, Inês, OLIVAL, Fernanda (2009) – “Modelos de Nobreza: a Ordem de Malta e as três Ordens Militares portuguesas: uma perspectiva comparada (séc. XVII-XVIII)”. In *Nobleza Hispana, Nobleza Cristiana: la Orden de San Juan*, vol. 2. Madrid: Polifemo. pp. 1125-1158.

- VILAÇA, Raquel (2007) – “Depósitos de Bronze do território Português. Um debate em aberto”. *Conimbriga/Anexos* 5. Coimbra: Instituto de Arqueologia.
- VILAÇA, Raquel (2008) – “No rasto do Bronze Final do Centro-sul da Beira Litoral: artefactos metálicos e seus contextos”. In CALLAPEZ, Pedro Miguel et al. (eds.) – *A Terra: conflitos e ordem. Homenagem ao Professor Ferreira Soares*. Coimbra, pp. 75-88.
- VILAÇA, Raquel (2012) – “Arqueologia do Bronze no Centro-Sul da Beira Litoral e Alta Estremadura (II-I milénios a.C.)”. *Actas do Colóquio Olhares sobre a História, a Arqueologia e a Geologia de Vila Nova e da Serra da Lousã*. Vila Nova/Miranda do Corvo, pp. 16-32.
- VILAÇA, Raquel e CARVALHO, Pedro (2000) – *Relatório da intervenção arqueológica realizada na Gruta da Nascente do Algarinho, Penela* (inédito, relatório policopiado).
- VV.AA. – *O oppidum de Conimbriga e as Terras de Sicó*. Conimbriga: Liga de Amigos de Conimbriga.
- ZÚQUETE, Afonso Eduardo Martins (1960) (coord.) – *Nobreza de Portugal. Bibliografia, biografia, cronologia, filatelia, genealogia, heráldica, história, nobiliarquia, numismática*. Vol. II. Lisboa: Editorial Enciclopédia.